

Análise de discurso e semântica argumentativa: uma leitura argumentativa do interdiscurso

Discourse analysis and argumentative semantic: an argumentative reading of interdiscourse

Julio Cesar Machado

Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil



Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre o fenômeno do interdiscurso à luz da Análise de Discurso de Pêcheux. Nosso método, de tipo bibliográfico-qualitativo clássico, analisa um corpus de um quadro para nele vislumbrar o choque entre significações anteriores (interdiscurso, o pressuposto co-significado) e significações posteriores (discurso, o posto). Nossa fundamentação teórica soergue-se no acervo de definições de textos em torno da noção de *interdiscurso*, e em textos em torno da noção de *pressuposição co-significada*. Os resultados imediatos deste trabalho orientam para uma re-leitura dos originais de Ducrot, e sugerem um modo mais refinado de se pensar e trabalhar a Semântica Argumentativa no Brasil, tal como na França.

Palavras-chave: Interdiscurso; pressuposição; Análise de Discurso; Semântica Argumentativa.

Abstract: This article aims to reflect about interdiscourse phenomenon in the light of the Pêcheux Discourse Analysis. Our method, of a classic bibliographic-qualitative type, analyzes a corpus of a classical picture in order to envisage the clash between earlier significations (interdiscourse, the presupposed co-signified) and subsequent significations (discourse, the post). Our theoretical foundation is based on the collection of definitions of texts around the notion of *interdiscourse*, and in texts around the notion of *co-signified presupposition*. The immediate results of this work lead to a re-reading of Ducrot's originals, and suggest a more refined way of thinking and working Argumentative Semantics in Brazil, as in France.

Keywords: interdiscourse; presupposition; Discourse Analysis; Argumentative Semantic.

1. Introdução

Para os iniciantes nas teorias da *Análise de Discurso Pêcheutiana* (doravante AD) e *Semântica Argumentativa* (doravante SA), a questão fulcral deste estudo pode ser visualizada neste primeiro exemplo ilustrativo: em que medida a frase isolada “25 de dezembro”, fora de contextos, é incomodada pela significação de “natal”?

Parece que, mesmo que se queira esquivar deste eco significativo que vem de outros textos independentes (o numeral 25, se relacionado sintaticamente a *dezembro* “lembra” o *natal*), e mesmo que se queira reconhecer outra significação, impor outra direção semântica, ou atribuir sentidos alhures, existe uma “memória forte” de outro texto (o natal) que inter-argumenta na frase autônoma e simples de “25 de dezembro”. Quais os meandros desta relação?

O alvo deste artigo é mostrar mecanismos no interior da SA para tratar deste fenômeno conhecido como interdiscurso, notório nos estudos da AD de Pêcheux. Pensar como significações mais longínquas (o natal) “aparecem” implicitamente de um modo mais ou menos cristalizado na estrutura (25 de dezembro, portanto significação de natal). Esta relação, de alguma forma, está na língua¹ (dando um curto exemplo, ao menos nas línguas ocidentais, a significância “natal” já é cristalizada na estrutura “25 de dezembro”).

Uma teoria semântica bem arquitetada, portanto, deve conseguir enxergar e investigar a

espessura escorregadia dos semantismos que, mesmo não-explícitos, escorrem e ecoam implicitamente, de modo co-significado.

Fazer semântica do lugar estruturalista, como Ducrot, requer a finesse de pressupor que não se deve entender, por estruturalismo, que o sentido é inerte, apenas a estrutura o é. Metaforicamente, a estrutura de certa rodovia, por mais que eficazmente engenhosa, não consegue obrigar direções, evitar ousadia e ditar ritmos de transeuntes, mas tem o seu caos inscrito na própria rodovia, já que “o produto da desorganização pressupõe a estrutura da organização”. A estrutura da rodovia já traz em si estas possibilidades caóticas do trânsito, explicitadas pelas placas bem-dispostas (a placa significa primeiro que “já existe o que não se deve fazer”, e secundariamente seu um imperativo de “proibido fazer”). O trânsito na estrutura da rodovia é tal que inclusive não consegue sequer obrigar modos de dirigir com suas placas motivadoras, e nem impedir o caos de um trânsito caótico. Esta é a metáfora de um estruturalismo bem lido: a estrutura bem delineada da estrada é uma coisa, o caos do caminhar que dela não se separa, é outra, mas ali está... A Semântica Argumentativa ocupa-se constantemente desse caos das crises de sentidos, que habitam desorganizadamente as prisões estruturais.

2. Precisões teóricas iniciais: uma leitura mais coerente do estruturalismo ducrotiano

Este artigo, por leituras mais cuidadosas, longe de apud e criterizado sempre por originais, visa a mostrar que, ao se compreender bem o construto teórico e a dinâmica analítica da Semântica Argumentativa, podemos nos surpreender pelo fato de que essa teoria é mais sofisticada, arrojada e eficaz do que supunham algumas críticas precipitadas à guisa de leituras fragmentadas.

Ao contrário do que muitos pensam, a teoria ducrotiana não é uma teoria fechada ou limitadora, é, ao contrário, uma teoria de abertura, como conclui o próprio mestre: [...] Os conceitos que nós desenvolvemos devem abrir à interpretação, e não

¹ Vale a pena aqui uma arrazoar uma das muitas definições de língua: para Ducrot, a língua não se trata de uma nomeação política de um país (o português – do Brasil, o francês – da França, o inglês – dos EUA, o grego – da Grécia...). A língua é, antes de qualquer coisa, uma possibilidade argumentativa, significante em si, e significável quando apropriada por um locutor pelo enunciar. Por esta perspectiva, importa menos o formato alfabético da estrutura da linguagem (*casa*, *maison*, *house*, *σπίτι*), e mais as significações que tais estruturam carregam em si, e os sentidos produzidos em cada enunciação particularizada: [casa portanto aconchego]; [house portanto ter hipoteca para pagar]... Importa menos a dimensão informacional da língua (“vou para casa” = informação de um sujeito cuja ação é deslocar-se para um construto de paredes), e mais seu potencial argumentativo-conclusivo: [‘vou para casa’ portanto ‘adentrarei o mundo particular da minha família’]; [‘vou para casa’ portanto ‘estou desistindo de alguma coisa’] etc. Para a Semântica Argumentativa a língua é, antes de tudo, o jogo entre significações de/em estruturas que se plurissignificam infinitamente em micro e macro contextos.

fechá-la" (DUCROT, 2013, p. 19, tradução nossa)². O leitor do acervo ducrotiano sabe que no Brasil, de alguma forma, existem leituras de Ducrot balizadas por "uma antiga interpretação estrutural que opera por exclusão" (XXXX); e o que um grupo mais fiel à escola francesa argumentativa tem feito é evidenciar uma leitura de Ducrot mais atenta aos originais, que, por natureza argumentativa, é uma *interpretação estrutural que opera por ampliação*³. Ora, se a língua é argumentação, a língua é sempre "relação a..." (basalmente, hoje operada por conectivos de "portanto" e "no entanto", como veremos). E "relação" pressupõe sempre desdobramento, e o desdobramento é procedimento analítico/ de ampliação, jamais delimitação. Metodologicamente, a teoria argumentativa é relacional, de modo que nunca foi e não poderia ser excludente, mas necessariamente ampliativa (pois toda semântica é ou devia ser ampliativa). O que é excludente é o modo de se compreender o estruturalismo, e não a metodologia e os procedimentos dessa teoria argumentativa.

O nome "estruturalismo" marca uma metodologia *in loco* cujo cerne é "observar o mundo significante/significável 'a partir da' estrutura", apresentada nela – explícita, posta (palavras: 25 de dezembro) – ou indicada por ela – implícita, pressuposta (significação de "natal") –, longe de uma superficialidade de "aprisionar" o intérprete em algumas palavras, rasamente observáveis.

O estruturalismo enunciativo é um método e um convite a observar o mundo – tentar compreender

² Do original: « Les concepts que nous développons devraient ouvrir l'interprétation, pas le fermer » (DUCROT, 2013, p. 19).

³ É fácil verificar que o sentido e a significação na SA sempre foi objeto de pesquisa apreendido por inclusão, ampliação, relação. E desde a década de 70. Para citar um exemplo rápido, nos primórdios da construção da "Teoria da Argumentação na Língua", Ducrot (1973, p. 104), ao criticar a noção de *causa* da Lógica como insuficiente para pesquisas semânticas, em *La preuve et le dire*, já levantava a questão de que, não importa a perspectiva adotada, a semântica sempre deve levar em conta a "relação" entre dois elementos A – B, entre o elemento que se quer observar pelo método de observá-lo com um outro elemento, em perspectivas diversas, dentre as quais Ducrot (idem) apresentou no mínimo quatro:

- 1) Um B necessário a um A;
- 2) B é impossível sem A;
- 3) A relação entre A e B é geral;
- 4) A é produto de B.

em que medida "25 de dezembro" pode significar "natal" (perspectiva linguística após a Pragmática, por exemplo), e não uma parede para não se ver o mundo (limitar-se à caverna semântica de Platão que permite ver só significações informacionais de "25 de dezembro", sem nunca tocar a co-significação "natal", fora da caverna).

Como temos dito (MACHADO, 2017), "estudar a língua é flagrar, nela e por ela, todo seu impacto significável, tanto 'somente-intra-língua' (primeira interpretação, delimitativa) como 'extra-língua-possível-via-intra-língua' (segunda interpretação, ampliativa)". E faremos esse vislumbamento de alcance ampliativo teórico propondo estudar o fenômeno significativo do *interdiscurso*, que chamaremos de *anterioridade argumentativa* – fenômeno já analisado (sem menção ao nome "interdiscurso") em vários trabalhos de Ducrot e Carel, como veremos. Este artigo trata, portanto, de um arrazoado científico que explicita o confronto produtivo entre duas epistemologias autônomas, que, afastando de toda espécie de receios que comprometem bons diálogos, têm muito a contribuir uma com a outra.

3. Primeiros olhares entre AD x SA e alguns cuidados

Obviamente, trabalhos deste cunho que fazemos, com poucos precedentes talvez, e de natureza deveras cuidadosa, devem levar em consideração algumas ponderações, que longe de constituir máximas teóricas, são antes algumas percepções do choque AD x SA:

- (1) Deve-se ter a consciência de que estamos lendo, ao mesmo tempo, duas epistemologias autônomas entre si, não para equacioná-las, mas para promover um choque teórico produtivo para os dois modos de raciocínio: a AD, que constrói sua frente de ação "privilegiadamente" (talvez "só e somente") pelo *primado do interdiscurso*; e a SA, que constrói sua frente de ação pelo primado da

argumentação na língua e também por anterioridades co-significadas (a pressuposição co-significada);

(2) a AD coloca como unidade de análise o *enunciado*, produto da enunciação, da língua em uso), por vias de apreensões bem próprias (que levarão em conta noções de: *formação discursiva, formação ideológica, condições de produção, memória, interdiscurso, pré-construídos, esquecimento, equívoco* etc). Mas a AD deixa a frase (a língua fora de uso) em segundo plano (ou simplesmente desconsidera a língua fora de uso)⁴; já a SA tem uma dupla unidade de análise, separável apenas enquanto abstração teórica: a *frase* (língua fora de uso, que ilustra significações) e o *enunciado*, produto da enunciação (língua em uso, que produz sentidos). Ambos apreendidos por vias bem próprias (que levarão em conta noções de: *argumentação estrutural, argumentação contextual, blocos semânticos, quase-blocos, efeitos conversos, transpostos e recíprocos, pressuposição argumentativa, pressuposição co-significada, polifonia* etc).

Duas frentes semânticas que não se excluem, mas que, embora epistemológica e metodologicamente distintas, apresentam interesse comum no fenômeno do enunciado, do discurso e da anterioridade significativa, e por isso podem contribuir mutuamente nos estudos dessas vias, ao serem

contrastadas produtivamente, tal como propomos aqui de modo mais ou menos pioneiro.

Um bom consenso que há entre ambas teorias – o que sugere um horizonte futuro de contribuições mútuas – é que, compartilhando ambas uma unidade de análise, o enunciado, ambas teorias SA e AD facilmente concordam com a máxima ducrotiana de que “o enunciado se definirá então pelas possibilidades de resposta que abre e por aquelas que fecha” (DUCROT, 1977b, p. 12). O interdiscurso é convite para pensar algumas dessas possibilidades de aberturas de sentido.

Aos poucos, vamos refinando o objeto deste artigo: como refletir de forma produtiva interdiscurso e inter-argumentações, antes mesmo de melhor refinar e definir tais conceitos? Um primeiro exercício produtivo nesta linha pode ser, por exemplo, uma vez conhecendo as leituras sobre interdiscurso de Pêcheux, refletir as páginas 80 a 85 de *Logique, Structure, Enonciation* (DUCROT, 1989, p. 82 – 85), onde Ducrot chama a atenção para o fato de que certas faces do sentido são atingidas via passados significantes. Ali, ele traça análises à luz de noções específicas como *la croyance* (a crença anterior de que a França é uma Monarquia, para se interpretar enunciados sobre “rei da França”); *la connaissance* (o interlocutor, para interpretar, já sabe sobre a calvície do rei da França); e *le niveau culturel de l'interlocuteur* (certas possibilidades de raciocínio cristalizadas variam com o nível cultural de seu interlocutor); e *l'étude du récit ou du mythe* (quais critérios deve-se reconhecer para identificar que um episódio é a continuidade, a contraparte, ou o inverso de outro?).

De todo modo, Ducrot conclui que “infelizmente, essas pesquisas, tão empíricas quanto teóricas, estão apenas no seu começo, e a nossa única ambição é de fazer com que se sinta sua necessidade”. Esse artigo pretende trabalhar nesta ambição do autor, que lhe inquieta”. Dito isto, percebe-se a viabilidade da discussão hipotetizada nesse artigo. O que passaremos a pormenorizar.

⁴ Esta é uma das radicalidades que separa AD pecheutiana da SA: para a SA, uma teoria semântica deve levar em conta duas dimensões próprias da linguagem: a frástica (*língua fora de uso*, que ilustra *significações*) e a enunciativa (*língua em uso*, que produz *sentidos*), distinção essa que, conforme Ducrot (1987), só é possível enquanto procedimento teórico. Já para a AD pecheutiana (ao menos para Pêcheux, não que a totalidade dos analistas de discurso professem o mesmo), parece haver uma certa intolerância à consideração frástica (significação da *língua fora de uso*):

As palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...] Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas. [...] Uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seja “próprio”, vinculado à sua literalidade (PÉCHEUX, 2009, p. 147).

O corpus, o interdiscurso e anterioridade argumentativa

Teremos uma pintura trifacial enquanto corpus deste artigo. A análise imagética é provocativa, e põe de pronto algumas perguntas-norte: só o “discurso verbal” é um discurso? (uma pintura não é também um discurso?), só é possível ler letras alfabéticas? (pinturas podem argumentar?), como compreender a argumentação da sintaxe de narrativas visuais? E finalmente, de que maneira um discurso pictórico conclama sentidos de interdiscursos variados?

A escolha desse corpus também se deve ao fato de que Ducrot já realizou brilhante análise desta imagem. Eis a pintura:



Figura 1 – Campin (1428), *The Mérode Triptych*. Metropolitan Museum of Art, Cloisters Collection, New York City

A riqueza desse discurso, multi-argumentativo porque multi-enunciado, nos obriga a estabelecer alguns enunciados escritos (obriga o analista a trilhar por um método básico de representar o discurso pictórico por um discurso verbal). É o que faremos: comecemos pela terceira face⁵: “um velho em uma carpintaria”.

O engendramento teórico que aqui se verá coloca foco de importância em elementos históricos (esse velho “lembra” alguém, portanto, “lembrar” é co-significar, instaurar inter-argumentação (interdiscurso) na argumentação (discurso). Esse método faz ver

ecos significantes: os conteúdos das palavras plenas “velho + carpintaria” são um modelo já fartamente picto-enunciado no passado, cujas repetições acabaram por cunhar a significação literal de “São José”. O discurso do quadro coloca o semanticista diante de uma constelação argumentativa infinda, que a AD pêcheutiana chama de “pré-construídos”:

Não deveríamos [...] considerar que que *há separação, distância ou discrepância* na frase entre o que é pensado antes, em outro lugar ou independentemente, e o que está contido na afirmação global da frase? Foi isso que levou P. Henry a propor o termo “**pré-construído**” para designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é construído pelo enunciado (PÊCHEUX, 2009, p. 89, grifo nosso):

Por exemplo, a temática histórica do quadro é convite imediato para recuperação semântica das muitas palavras plenas anteriores nesse quadro, exteriores a esse quadro, elementos pré-construídos incontáveis que antecedem a enunciação desse quadro (meditação, trabalho, *lectio divina*, visitação, oração, gravidez, Jesus, salvação, *fiat*, virtudes etc), bem como pré-construídos mais distantes ainda, que pré-significam (na nomenclatura da SA: co-significam) de modo mais transversal, como: (saber ler, saber marcenaria, poder escutar, confiar em Deus, ser virtuoso, pureza, castidade, simplicidade etc), que de alguma forma co-argumenta na própria argumentação do quadro.

Enfim, o primado do interdiscurso (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006) propõe que todo discurso só é lido via interdiscurso. Tese que não precisamos acatar em toda sua radicalidade, mas que nos basta, aqui, arrazoar a importância do impacto do interdiscurso para a produção de sentido do discurso. Esse corpus é importante na medida em que nos permitirá ver como as pré-significações anteriores e independentes ao quadro, nele “voltam e se atualizam”, co-significando com ele.

⁵ Infelizmente, nas ciências da linguagem, somos obrigados a nomear elementos imagéticos para prosseguir à análise, o que em si já é perda semântica, já que outros nomes seriam sempre possíveis. A dimensão enunciativa do discurso imagético é distinta da dimensão enunciativa alfabética. E neste ponto toda teoria linguística – inclusive a SA – deve progredir.

3.1 Delimitando a hipótese da anterioridade argumentativa à luz do interdiscurso

Começemos a organizar os procedimentos analíticos pelo verbete abaixo:

interdiscurso – Todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros **discursos**, de entrar no interdiscurso. Esse último está para o *discurso* como o *intertexto* está para o *texto* (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 286).

Nas ciências da linguagem, é produtivo que se considere esse duplo olhar. Longe de se super-especificar à luz de uma teoria qualquer, esse fenômeno será a base desta pesquisa. Mas algumas ressalvas devem nortear nossos procedimentos, quais sejam: não é objetivo deste artigo definir ou redefinir o que é um interdiscurso (objeto de interesse de terreno fértil no Brasil). Nossa atenção não se recai “na noção de interdiscurso” em si (seus estudos, suas definições, seus trabalhos pelos estudiosos de Pêcheux), mas nossa atenção recai sobre “o fenômeno da autonomia interssignificante implícita reclamada na espessura intrassignificante explícita”, fenômeno este nomeado de *interdiscursivo* (pelo modo de raciocínio da AD brasileira) e que nomearemos de *anterioridade argumentativa* (pelo modo de raciocínio da Semântica Argumentativa).

Deste modo, dispensamo-nos do compromisso de manter-nos fiéis a nomenclaturas, procedimentos, operações e demais cadências próprias da AD brasileira e dos estudiosos de Pêcheux, para vislumbrar esse fenômeno mais livremente e em conformidade com a epistemologia da Semântica Argumentativa e seus métodos analíticos. Nosso objetivo.

Organizacionalmente, já que nosso foco está longe de esgotar as muitas definições já registradas para a noção de interdiscurso, elegeremos dois “trechos-nortes”, básicos, que servirão apenas para guiar nortear nossos arrazoados analíticos no interior da SA, antes de esgotar toda a riqueza desse

conceito, descompromissados de estabelecer uma definição “correta” e estabilizada para o *interdiscurso*:

Os sujeitos falam a partir do já-dito – e isso é exatamente o que o interdiscurso lhes põe à disposição e/ou lhes impõe. [...] Quando um estudioso do discurso se põe a analisar um *corpus*, tendo incorporado uma teoria do interdiscurso, o que ele faz? Analisa um discurso que se confronta com outro (POSSENTI, 2011, p. 155; 159)

Pensemos como um discurso que se confronta com outro, conforme essa afirmação. Em nosso corpus, por esta afirmação, o discurso imagético “um anjo e uma mulher” de algum modo é confrontado com outro discurso anterior, “a anunciação bíblica do anjo Gabriel”. E o discurso imagético “um velho na carpintaria” é igualmente confrontado com outro discurso, o já-dito de “José, pai de Jesus”. Outro trecho-norte é:

[...] o interdiscurso. Aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (ORLANDI, 2007, p. 31).

À luz desta citação, a “enunciação do anjo Gabriel a Maria” é uma memória, um saber discursivo que fala em outro lugar passado, um pré-construído que volta atualizado na estrutura do quadro “um anjo e uma mulher”; bem como a figura de “José, pai de Jesus” é uma memória independente, que fala em outro lugar, um pré-construído que volta atualizado na estrutura pictória de “um velho na carpintaria”. Conseguimos flagrar, nessas citações e exemplos, o interdiscurso (para a AD), ou a anterioridade argumentativa (para a SA).

Na SA o fenômeno entre discursos (para a AD, interdiscurso) já foi trabalhado em vários momentos, como veremos⁶, mas sem uma noção técnica teórica

⁶ Só para citar um exemplo de passagem e bem antigo, em uma análise de texto refinada, em *Les écheles Argumentatives*, Ducrot (1980, p. 92) considera que uma análise de texto está condicionada a abstrações enquanto critério para estabelecer o “movimento de coerência argumentativa” do intérprete. A carência de estudos sobre a “coerência argumentativa em

que lhe preveja procedimentos para operar um corpus, o que não significa que esse eco-anterior não exista para a teoria). Assim, proporemos chamar esse recuo argumentativo de muitos discursos incontáveis e independentes, de modo bem amplo e na esteira da vaguidão do interdiscurso, de *anterioridade argumentativa*. Não é uma novidade na teoria, apenas uma nomeação de uma prática que (sutilmente ou não) já foi objeto de várias análises.

Por outro lado, atualmente, essa carência de uma noção teórica para tratar do interdiscurso já foi sanada pela noção teórica de *pressuposição co-significada*. Ela formaliza o fenômeno do interdiscurso no arcabouço teórico da SA. É indispensável, para compreensão dessa co-significação histórica da pressuposição, a leitura da pesquisa "*Présupposition et organisation du sens*" (CAREL, 2016). Neste artigo, evitaremos os meandros expositivos de sua criação. Basta saber que, aqui, reconhecemos uma *anterioridade argumentativa* para marcar a multiplicidade de discursos passados, na sua relação com um discurso presente, e a *pressuposição co-significada* para identificar sentidos específicos, localizados, produzidos pelo choque entre passado significativo e presente do discurso.

Apropriar-nos-emos do fenômeno do interdiscurso por vias de uma formalização técnica bem simplificada (o que precisará de estudos posteriores para melhores continuidades e aprofundamentos):

- ✓ Por *pressuposição co-significada* (na esteira de Carel, 2016) propomos o procedimento de observar o fenômeno semântico oriundo da relação significativa entre duas espessuras da linguagem, independentes: uma (A) anterior e implícita que inter-argumenta no interior de uma (B) posterior e explícita.

Evidentemente, os analistas de discurso brasileiro o perceberão, que nossa hipótese permite vislumbrar parcialmente a riqueza do interdiscurso (já

que até para os *experts* da AD brasileira esse fenômeno é vasto e escorregadio). Talvez a face do interdiscurso em que colocamos foco por essa hipótese seja o "interdiscurso enquanto pré-construído", de Pêcheux (2009, p. 154): "o que é pensado antes, em outro lugar ou independente" (PÊCHEUX, p. 89). O pré-construído, portanto, é ponto crucial que articula a noção de (inter)discurso / anterioridade argumentativa.

Por essa hipótese acima, nossa macro-metodologia irá na direção de procedimentos que flagrem um "eco significativo" na atualidade da frase/enunciado. Para tal, veremos que, geralmente, o elemento (B) já está dado (um enunciado, uma frase, um parágrafo, um posto qualquer). A investigação se dará pelo movimento de enxergar em um elemento anterior (A) na orquestração da significação/sentido (um pressuposto, um implícito, um elemento intertextual, um valor extra-enunciado, toda espessura de semantismo implícito que "incomoda significativamente" o enunciado, a frase, o discurso). Na falta de uma definição melhor e mais profunda, diremos que, teoricamente, fica definido que a anterioridade argumentativa pretende refletir as significâncias por vias de extrapolar limites significantes marcados.

Para desenharmos melhor essa hipótese da *anterioridade argumentativa* (A anteposto implícito + B posto explícito), valer-nos-emos inicialmente da proposta de Aurox sobre a relação *horizonte de retrospectão/presente da enunciação* (AUROUX, 2008, p. 154), preservando o lugar epistemológico da Semântica Argumentativa, e à guisa de Aurox, nosso objetivo geral é vislumbrar como a SA acessa horizontes de retrospectões. Estamos na verdade retomando um raciocínio de Ducrot (1973, p. 105) que afirma: "conhecendo B, podemos adivinhar a existência anterior de A". Estudar um movimento interdiscursivo qualquer deverá mobilizar dois pontos: enxergar o potencial argumentativo de um A (horizonte de retrospectão) em um B (enunciação).

textos" na SA, anuviou a visibilidade da dinâmica escorregadia das inter-argumentações, cujos procedimentos podem organizar a interpretação textual em discurso/interdiscurso, explícitos/implícitos, textos/intertextos e contexto...

B é 'histórico' se não tem existência sem um A que o precede numa sequência irreversível. O sistema de interpretantes contém

notadamente as pré-concepções da estrutura do domínio dos objetos. No caso de conhecimentos semanticamente muito afastados (períodos antigos, outras culturas, devemos dispor de protocolos sofisticados para simplesmente compreender a significação das representações) (AUROUX, 2008, p. 139).

E ainda juntaremos a essa citação um diagnóstico ducrotiano que lhe faz eco:

A probabilidade de B, uma vez conhecido A, é superior à probabilidade possuída por B independentemente de toda informação sobre A. E o que exprimimos frequentemente ao dizer que 'B era mais provável' de ocorrer depois de A do que antes (DUCROT, 1973, p. 105, tradução nossa)⁷.

A exploração anterior significativa já foi alvo de vários estudos ducrotianos e careleanos. Por isso, elegemos uma metodologia específica cujos procedimentos vão na direção de percorrer certos pontos de certas obras da SA para fazer ver a relação que queremos destacar: análises em que um elemento A anterior é posto na relação com um B posterior enquanto projeto para explicitação do mecanismo da produção da significação/sentido.

Para se saber o valor significativo/significável exato de uma palavra, frase ou enunciado, dever-se-ia haver uma transparência que não existe: a verdade semântica. Ducrot afirma que a ambiguidade⁸ é a espessura semântica possível, a ambiguidade coloca a impossibilidade de esgotar os sentidos por observações lógicas ou sintáticas mais superficiais,

insuficientes para a Semântica, coloca em xeque essa verdade. A língua é ambígua, máxima ducrotiana. Por isso, de sentido escorregadio. O que resta ao semanticista é a labuta teórica em busca do escorregadio: a linguagem, roupagem dos postos, pressupostos, explícitos e implícitos, em um jogo de possíveis, paradoxos e quases (todos esses já formalizados em noções teóricas argumentativas, que não exporemos aqui), que mascaram a utopia de uma verdade. Afinal, "Os sujeitos não podem alterar em nada a verdade; sem dúvida. Mas quem pode reconhecê-la?" (AUROUX, 2008, p. 127-128).

É preciso, para consolidar a formalização da relação teórica entre os conceitos de interdiscurso (da AD) e anterioridade argumentativa (proposta para a SA) considerar a natureza ambígua, não-transparente⁹ da linguagem, que reclama interpretações o tempo todo: de anterior implícito-posterior explícito, o não-posto-mas-significado, o "lá que significa aqui",). Em tudo isso, a anterioridade argumentativa é um convite à interpretação:

Há sempre uma multiplicidade de interpretações possíveis, e os conceitos que o semanticista constrói devem dar conta dessa possibilidade de interpretação. Se esses conceitos possibilitam ver apenas um só sentido a um enunciado, neste momento, eu penso que lhe falta alguma coisa. **Os conceitos que nós construímos devem abrir a interpretação, e não fechá-la** (DUCROT, 2013, p. 19, tradução nossa, grifo nosso)¹⁰.

⁷ Do original: « la probabilité de B, une fois connu A, est supérieure à la probabilité possédée par B indépendamment de tout renseignement sur A. Ce qu'on exprime solvemment on disant que B < avait plus de chances > de se produire après A qu'avant » (DUCROT, 1973, p. 105).

⁸ Temos chamado a atenção (XXX) para o importante fato de que a pressuposição é escorregadia – conforme leituras mais acuidadas de Ducrot. Senão vejamos: no enunciado "*Jacques encontrou o seu carro incendiado*" (DUCROT, 1972, p. 233, tradução nossa), Ducrot põe relevo no fato de que este enunciado pode pressupor: "Jacques tinha um carro incendiado" (ele já era incendiado), quanto pode pressupor: "Jacques tinha um carro" (que quando encontrado, estava na condição de incendiado). Assim, é importante saber, ao contrário do que dizem muitos manuais de semântica, que a pressuposição participa da ambiguidade. Mesmo no âmbito da frase, o jogo do pressuposto é inexato, e reclama o olhar do intérprete. Para um aprofundamento, ver nossa pesquisa sobre a pressuposição (XXX).

⁹ Este jargão é muito comum na escola pêcheutiana. Transparente: o sentido claramente visível, sem ambiguidades, sem possibilidades de ser outro, um sentido 100% certo. Não-transparente: o sentido que pode ser outro, o equívoco, a crise de sentidos pela qual passa todo enunciado, o modo de se considerar as significâncias como escorregadias oscilantes, mutáveis, ambíguas. Neste ponto, existe consenso entre AD e SA sobre a espessura do sentido: a AD de Pêcheux a trata por não-transparente, e a SA a trata por ambígua.

¹⁰ Do original: « Il y a toujours une multiplicité d'interprétations possibles. Et il faut que les concepts que construit le sémanticien rendent compte de cette possibilité d'interprétation. Si ces concepts ne donnent à voir qu'un seul sens à un énoncé, à ce moment-là, je pense qu'il leur manque quelque chose. Les concepts que nous construisons doivent ouvrir l'interprétation et non la fermer » (DUCROT, 2013, p. 19).

4. A anterioridade argumentativa em Ducrot: o conhecimento anterior

O primeiro tipo de anterioridade argumentativa que queremos pesquisar, à luz do interdiscurso pècheutiano, é o *conhecimento* (*le conaissance*), presente em alguns trabalhos de Ducrot (1989, p. 82; 1999, p. 106).

Na ocasião, Ducrot (1999, p. 106) elenca dois conhecimentos ligados à língua: o conhecimento prático da língua, próprio dos “native speakers” (falantes nativos), e o conhecimento teórico da língua, necessário para estudar essa língua. A esses dois, ele extrapola um outro, o conhecimento anterior, necessário para a interpretação geral de enunciados. É esse conhecimento anterior ducrotiano que nos interessa, enquanto interdiscurso:

O problema que eu acabo de levantar é, temos marcado, o problema geral da interpretação, que concerne a textos ou significantes não-verbais, pinturas, por exemplo. **Uma interpretação exige sempre que consideremos conhecimentos que temos independentemente do objeto a se interpretar**, e que aplicamos a este objeto (DUCROT, 1999, p. 106, tradução nossa, grifos nossos)¹¹.

Vejamos a aplicação dessa asseveração. Retomemos a face central do nosso corpus. Ducrot nomeia esse conteúdo de: [um homem jovem que se dirige a uma mulher jovem que está lendo, e sobre os dois sobrevoa um pássaro]. E junta que “[...] nós o interpretamos geralmente como uma representação da Anunciação. Isso porque nós lhe aplicamos um certo conhecimento da religião cristã” (DUCROT, 1999, p. 106, tradução nossa)¹². Pela metodologia

aqui estabelecida da anterioridade argumentativa (A anterior, B posterior), temos então:

(B) *Discurso*: um homem jovem que se dirige a uma mulher jovem que está lendo.
Figura

(A) *Anterioridade argumentativa (interdiscurso)*: conhecimentos da religião cristã e textos da “Enunciação”,

cuja leitura produz a seguinte pressuposição co-significada:

[memória sobre ‘a Enunciação’ PORTANTO Maria e o anjo Gabriel]

Do mesmo modo, reorganizamos a análise de Ducrot (1999b, p. 107):

(B) *Discurso*: um velho em uma carpintaria.

(A) *Anterioridade argumentativa (interdiscurso)*: evangelho

cuja leitura produz a seguinte pressuposição co-significada:

[memória sobre o ‘evangelho’ PORTANTO José, pai de Jesus]

E ainda são produtivas as considerações mais intertextuais de Ducrot (SCHAPIRO, 1982, p. 182-187 *apud* DUCROT, 1999b, p. 107) com a obra *Muscipula Diaboli*: nela, a *cidade* representa um lugar de impureza, domínio de Satanás; o *rato* é a imagem de Satanás; as *ratoeiras* são fabricadas para aprisionar o diabo, *Cristo* anunciado a Maria é uma isca sobre a qual o diabo se precipitará. Vejamos:

¹¹ Do Original: « Le problème que je viens de soulever est, on l'aura remarqué, le problème général de l'interprétation, qu'elle concerne des textes ou des signifiants non verbaux, des peintures par exemple. Une interprétation exige toujours que l'on mette en œuvre des connaissances que l'on pos sède indépendamment de l'objet à interpréter, et qu'on les applique à cet objet » (DUCROT, 1999, p. 106).

¹² Do original: « on l'interprète généralement comme une représentation de l'Annonciation. Cela, parce qu'on lui applique une certaine connaissance de la religion chrétienne » (DUCROT, 1999, p. 106).

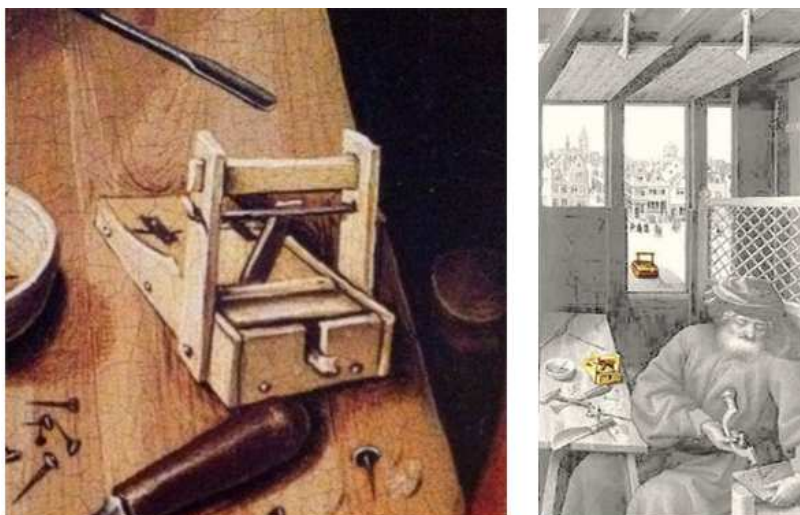


Figura 2 – Detalhes da ratoeira do terceiro quadro¹³

(B) *Discurso*: as duas ratoeiras do quadro

(A) *Anterioridade argumentativa* (interdiscurso): o conhecimento anterior da obra de Schapiro [*Muscipula Diaboli*]

cuja leitura produz as seguintes pressuposições co-significadas:

- [memória da obra *Muscipula Diaboli* PORTANTO a cidade representa lugar de impureza]
- [memória da obra *Muscipula Diaboli* PORTANTO o rato é a imagem de satanás]
- [memória da obra *Muscipula Diaboli* PORTANTO deve-se fabricar ratoeiras para aprisionar satanás]

4.1 A formação discursiva sob a ótica argumentativa

Um desdobramento de análise: por que um quadro desse estilo era bem apreciado na idade média e pode não ser tão apreciado atualmente? Ou tecnicamente: como lidar com o fator argumentativo temporal que muda os sentidos dos discursos?

Essa pergunta pode ser respondida ao trazer para nossa análise, a noção de *formação discursiva*¹⁴

¹³Disponível em <http://www.flickrriver.com/photos/centralasian/sets/72157628165421619/>. Acesso 17 fev 2019.

pêcheutiana: aquilo que, em certa disposição ideológico-significativa, “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Por exemplo, o enunciado “a terra gira em torno do sol” ilustra certas formações discursivas na idade média (portanto, não podia ser dito, porque significaria incoerência com o saber dominante), e ilustra certas formações discursivas distintas na idade moderna (portanto, podia ser dito, porque significaria coerência com o saber dominante). É por isso que esse mesmo enunciado é lido diferentemente em duas épocas.

A noção de formação discursiva é terreno de riqueza de investigação no Brasil e, motivo pelo qual deixaremos este tesouro de acervo de lado neste momento (inclusive a tese de nunca-literalidade, da qual discordamos) para recuperar apenas o fenômeno enunciativo segundo o qual não importam as condições de produção de qualquer enunciado, eles se produzem determinados pelo que “pode e deve ser dito” (a formação discursiva). Assim, na produção do enunciado, impede certas palavras e construções, e sugere outras, mais adequadas.

Voltemos ao nosso corpus do quadro. Na esteira da formação discursiva, Ducrot (1999, p. 106-107) comenta que, na enunciação da pintura, existe uma “regra na produção do quadro” (aquilo que pode e deve ser dito, quando da enunciação do quadro). Além disso, ele afirma que “nós podemos procurar em todo texto o reflexo implícito das crenças profundas da época: entenderemos com isso que o texto não é

¹⁴ Acreditamos que a noção de formação discursiva, de grande instabilidade pela dupla origem (sugerida por Foucault e repensada por Pêcheux), é produtiva para o modo raciocínio argumentativo. Contudo, Estudos nesta direção ainda não existem (ou são raros). Apresentamos dois fatores que dão relevo de importância em pesquisas de formação discursiva pelo viés argumentativo:

(1) a proximidade e compatibilidade interessante entre as noções de *formação discursiva* e *quadrado argumentativo contextual* (blocos doxais + paradoxais, de um certo discurso); e (2) a questão instigante da significação literal, que a formação discursiva refuta, e o quadrado argumentativo defende, já que na teoria argumentativa estas formações argumentativas (blocos) têm sempre dois tratamentos: ilustram um bloco contextual (sentido produzido pela língua em uso), mas – para usar uma nomenclatura da AD – tem sempre a “memória” de um bloco de significação estrutural (significação da língua fora de uso).

coerente a não ser que o completemos com suas crenças”

Pensando nos procedimentos próprios da formação discursiva, é possível observar vários enunciados produzidos sob a égide de uma formação discursiva: a anterioridade dos conhecimentos agora se projeta dos interdiscursos “do” evangelho para interdiscursos “sobre” o evangelho. Um e outro produzidos a partir de certa formação discursiva. Vejamos esses procedimentos à luz da análise ducrotiana (DUCROT, 1999, p. 104 - 107), que reorganizamos sob a disposição das noções pecheutianas:

(B) – *discurso*: as ratoeiras do terceiro quadro

(A) – *Interdiscursos*: as práticas comuns do que se faz em uma carpintaria

A¹ [carpintarias PORTANTO construir ratoeiras];

A² [ratoeiras PORTANTO serem colocadas em bordas de janelas]

A³ [algumas janelas PORTANTO dar para ricas paisagens urbanas]

Esses enunciados (e muitos outros) são produzidos sob a égide da *formação discursiva*:

[trabalhar em carpintarias PORTANTO ter o hábito de construir ratoeiras]

É esta formação discursiva que foi “cristianizada”, como vemos abaixo:

(B) – *Discurso*: as ratoeiras do terceiro quadro

(A) – *Interdiscursos*: textos de santos e do evangelho

A⁴ [ratos PORTANTO símbolos do Diabo]

A⁵ [a cidade e sua riqueza PORTANTO oposição à pureza evangélica]

A⁶ [memória de textos de Santo Agostinho PORTANTO a redenção do mundo pela morte de Cristo é uma ratoeira em que Satanás foi preso]

Estes enunciados (e muitos outros) são produzidos sob a égide da *formação discursiva*:

[assumir-se cristão PORTANTO dever construir prisões para o mal]

E como um carpinteiro profissional leria esse quadro? Para dar um exemplo mais distinto, caso lêssemos esse quadro às custas de uma formação discursiva da carpintaria profissional, algo do tipo:[carpintaria PORTANTO projetar e executar corretamente], ilustraríamos um sentido de um “trabalho mal feito” ao olhar para esse quadro, pois baseados em uma formação discursiva profissional, Bousquet (2017, s.p., tradução nossa)¹⁵ aponta sobre nosso quadro:

os buracos na placa de Joseph estão dispostos aleatoriamente (o que é obviamente falso), Joseph poderia muito bem, em seguida, furar uma segunda placa idêntica, para então religar conectar os buracos aos gravetos, constituindo assim ‘por causa do espaçamento aleatório, um labirinto em que se pode chamar e capturar um rato’. Boa sorte!

É pertinente ainda lembrar aqui as observações de Carel (2011a, p. 265, 267) sobre o conhecimento anterior, que, nos dizeres da autora, chama-se *conhecimento escolar*. Segundo ela, para que se explique, por exemplo, o que significa (B) uma fábula de La Fontaine, o locutor deve ter (A) um conhecimento escolar sobre Fontaine, um conhecimento que significa que ao final de cada fábula dele há uma moral específica sobre aquela história. Essa relação A – B é assim pontuada por Carel (2011a, p. 267, tradução nossa): “[...] é o nosso conhecimento escolar de La Fontaine (isto é, o fato de que ele associa geralmente uma só história a cada moral) que nos conduz a preferir a leitura 2 à leitura

¹⁵ Do original : « Zulnick réussit ensuite le tour de force inverse : voir une souricière dans ce qui n'en est manifestement pas une. Pour cela, il remarque : que les trous dans la planche de Joseph sont disposés au hasard (ce qui est évidemment faux) ; que Joseph pourrait très bien percer ensuite une seconde planche identique ; puis relier les trous par des bâtonnets, constituant ainsi < à cause de l'espacement aléatoire, un labyrinthe dans lequel on pourrait leurrer et capturer une souris >. Bonne chance ! »

1” (nessa ocasião, a autora comentava sobre a ambiguidade entre duas leituras possíveis). Isso significa que, neste caso das fábulas, na falta deste (A) conhecimento escolar, uma leitura (B) mais livre ocorrerá. E na presença deste passado escolar, uma leitura mais distinta, literária, direcionada, se produzirá.

5. Anterioridades em Carel: a pressuposição co-significada

A pressuposição é estudada na SA há 50 anos¹⁶. A riqueza dessa noção, impossível de ser tratada neste espaço, evidenciou inúmeras vezes que pressupor é fazer um “antes” argumentar. De algum modo, a pressuposição faz ver um discurso anterior (“pré” suposto, posto antes). Isso quer dizer que a pressuposição é, de alguma forma, um discurso anterior, uma anterioridade que argumenta.

No próprio exemplo “Pedro parou de fumar”, temos o discurso anterior de que “Pedro fumava antes”. Esse enunciado diz dois conteúdos, e não um: um ontem semântico (fumava antes) e um hoje semântico (parou de fumar).

Ainda é produtivo pensar a espessura histórica argumentativa em exemplos iniciais de Anscombre e Ducrot (1983, p. 64). Os autores afirmam que o enunciado “Dupont leu Banhos de Sangue” conclui que “Dupont leu todos os livros de Chomsky”. E por quê? Porque foram acessados dois interdiscursos: um discurso independente sobre “Chomsky escreveu muitos livros” e um outro discurso independente “Banhos de sangue é um livro mais raro”. À luz desses dois interdiscursos, conclui-se: “Se Dupont leu Banhos de sangue, que é mais raro, leu também todos os outros mais famosos”.

(B) – *Discurso*: Dupont leu “Banhos de Sangue”

(A) – *Interdiscursos*:

A¹ Chomsky escreveu muitos livros

A² Banhos de sangue é um livro mais raro

cuja leitura produz a seguinte pressuposição co-significada:

[Dupont leu Banhos de sangue, que é mais raro, PORTANTO leu também todos os outros mais famosos]

Marion Carel, desde a década de 90, deu autonomia metodológica aos blocos semânticos no interior da SA. Trabalha-se, nessa perspectiva, por aspectos argumentativos conectados em “portanto” e “no entanto”. Nesse quadro teórico, o choque entre discursos (interdiscurso) é tratado pela noção de pressuposto co-significado (antigo pressuposto intertextual). É ele que dá requinte de uma teoria enunciativa retrospectiva, cujo teor histórico é argumentativo, já que esse pressuposto intertextual e co-significado

[...] estuda **a presença dos discursos passados nos discursos atuais**, a presença de conteúdos que, estranhos à responsabilidade do locutor, permanecem só sob a responsabilidade dos autores dos discursos passados (CAREL, 2011a, p. 35, grifo nosso)¹⁷.

Como podemos pensar mais tecnicamente as aproximações entre interdiscurso e pressuposição? Baseada em Ducrot (1980, p. 93, tradução nossa), ao afirmar: “Consideramos tanto mais significativo que se conclua a necessidade de ter em consideração fatores habitualmente ditos ‘extra-linguísticos’”, Carel (2011b; 2016) apresenta uma explicação pertinente a essa questão: há duas pressuposições distintas. A diferença entre elas se dá no nível do intra e extra linguístico: a *pressuposição argumentativa* (intra-linguística) mobiliza uma anterioridade no interior mesmo da estrutura, interdependente da estrutura: [fumava-antes-e-agora-não-fuma]; e a *pressuposição co-significada* (extra-linguística) mobiliza uma anterioridade independente da estrutura: [adorava-

¹⁶ Para um estudo aprofundado da pressuposição na Semântica Argumentativa, recomendamos nossa pesquisa (MACHADO, 2019), que investigou esta noção de 1968 a 2018.

¹⁷ Do original : « étudie la présence des discours passés dans les discours actuels, la présence de contenus qui, étrangers à la responsabilité du locuteur, restent sous l'unique responsabilité des auteurs des discours passés » (CAREL, 2011b, p. 35).

fumar] e [agora-não-fuma], a partir de enunciados independentes um do outro.

A abordagem de interdiscurso que temos privilegiado neste artigo parece ter mais afinidade com essa segunda, a co-significada¹⁸. Por isso determinamos nela. Seguindo nossa metodologia, a relação A – B será do tipo [A pressuposto] e [B o posto].

A primeira consideração produtiva para pensar o interdiscurso (um antes independente) na relação com a pressuposição em geral (um antes: às vezes independente, às vezes dependente da estrutura), são as “condições de aparição das pressuposições” (DUCROT, 1989, p. 85). Como explica Ducrot: “devemos determinar as condições de aparição da pressuposição de modo a religá-la, por sua vez, à estrutura sintática e à ‘constituição sêmica’, e sem dúvida também ao tipo de diálogo ao qual os enunciados estudados intervêm”.

Começamos com o exemplo de Carel (2011b, p. 28, tradução nossa): *Eu crio, portanto eu existo*. Temos aí dois conteúdos distintos, independentes, colocados em relação pelo locutor: o interdiscurso [*cogito ergo sum*] e discurso [eu crio, portanto eu existo]: “o locutor de *eu crio, portanto eu existo* não pode negar a alusão ao Cogito de Descartes” (CAREL, 2011b, p. 28, tradução nossa)¹⁹. Este locutor coloca sua fala “[...] ao lado do de Descartes, como para acrescentar seu próprio discurso a uma espécie de Discurso total, constituído por todas as palavras (filosóficas) já ditas (CAREL, 2011b, p. 28, tradução nossa)²⁰.

Como marcamos, o primeiro nome da pressuposição co-significada era pressuposição

intertextual. Quando da sua apresentação, Carel descreveu como “conjunto passado”, e deixa claro sua constitutividade histórica:

[...] a alusão a vários conteúdos decorre do fato de que o conjunto de palavras **faz alusão a um conjunto passado** [...] As duas formas de polifonia [a semântica, do pressuposto argumentativo; e a intertextual, do pressuposto polifônico] se distinguiram, entretanto, pela origem dos conteúdos estudados, uma origem linguística no caso da polifonia semântica, **uma origem histórica no caso da polifonia intertextual** (CAREL, 2011b, p. 28-31, tradução nossa, grifos nossos)²¹.

Pelos excertos teóricos supracitados, como “discurso total de todas as palavras já ditas”, “conjunto passado” e “origem histórica”, fica claro que a teoria argumentativa tem apreço pela espessura histórica própria do fenômeno do interdiscurso, que, na epistemologia da SA é tratada tecnicamente pela noção de pressuposição co-significada, cujo escopo de interesse é a presença de discursos passados nos discursos atuais. Desta feita, interdiscurso está formalmente contemplado na teoria argumentativa.

No que tange à sua operacionalização, ainda em desenvolvimento, a pressuposição co-significada tem sido trabalhada na modalidade de dois ou mais aspectos argumentativos, como vimos nos aspectos das análises, como também na combinação entre aspectos. Isso ajuda a resgatar algumas simbologias, como a imagem de *prego* da pintura:

(B) – *Discurso*: [Pregos DC²² uso em carpintarias]

(A) – *Co-significações (Interdiscursos)*:

A¹ – [pregos DC crucificações do império romano]

A² – [crucificações do império romano DC Jesus]

¹⁸ Em um momento anterior (CAREL, 2011B, p. 30) a autora propôs dois tipos de pressuposto que antecedem os recentes: o pressuposto semântico (hoje pressuposto argumentativo) e o pressuposto intertextual (hoje pressuposto co-significado).

¹⁹ Do original: « Le locuteur de je crée donc je suis ne peut contester l’allusion au Cogito de Descartes » (CAREL, 2011b, p. 28).

²⁰ Do original: « comme pour placer son discours à côté de celui de Descartes, comme pour ajouter son propre discours à une sorte de Discours total, constitué de toutes les paroles (philosophiques) déjà tenues » (carel, 2011b, p. 28).

²¹ Do original : « l’allusion à plusieurs contenus découle de ce que l’assemblage de mots fait allusion à un assemblage passé [...] Les deux formes de polyphonie se distingueraient cependant par l’origine des contenus étudiés, une origine linguistique dans le cas de la polyphonie sémantique, une origine historique dans celui de la polyphonie intertextuelle » (CAREL, 2011b, p. 28-31).

²² DC – portanto, conforme nomenclatura da SA.

A³ – [Jesus DC ser filho de José]

A⁴ – [José DC carpinteiro]

6. Conclusão

Desde os primórdios da SA, seu arcabouço teórico faz ver seguramente que não se pode falar de finitude da significação quando o eixo focal é a argumentação. Dada essa dimensão metodológica, este artigo buscou reler o fenômeno do interdiscurso (para a AD), ou pressuposição co-significada (para a SA). Estes conceitos devem servir para observar a dinâmica escorregadia dos objetos da Semântica, já que escorregadia é a língua (e suas significações). São conceitos nada estáveis, porque sua preocupação é justamente a espessura fugidia dos semantismos históricos, de modo que “[...] a pureza de um conceito, de um modelo e de um domínio de verificação não implica de modo algum a sua simplicidade ou a sua transparência” (PÊCHEUX; FICHANT, 1969, p. 116, tradução nossa) .

Epistemologicamente, a pressuposição co-significada ainda precisa ser trabalhada na SA para fazer explorar a riqueza da anterioridade argumentativa implícita que se faz ouvir nos discursos explícitos (o que significa re-conhecer, e re-trabalhar a Semântica Argumentativa no Brasil).

Como temos dito (MACHADO, 2015; 2017), trabalhar a semântica pela anterioridade argumentativa é autorizar teoricamente a ausência enquanto possibilidade da presença, conforme o arcabouço teórico-argumentativo. Nessa perspectiva da soberania interpretativa da valorização do vago, entenderemos a valorização do vago como vozes de discursos outros que se escutam polifonicamente no discurso em análise, e ali co-significam. Esperamos que este artigo tenha contribuído para uma melhor compreensão da teoria argumentativa no Brasil, bem como tenha instigado pesquisas futuras sobre a espessura implícita histórica que co-significa em qualquer estrutura ou discurso.

Referências

- AUROUX, S. *Histoire des Idées Linguistiques*. Tome I. Liège-Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.
- _____. *A historicidade das ciências*. Tradução: Mariângela Peccioli Gali Joaquinho. Campinas: RG, 2008.
- BOUSQUET, Jacques (2017). Schapiro and co : la bataille des souricières. In : *Artifex in opere*, 2017. Disponível em <<https://artifexinopere.com/?p=11007>>. Acesso 9 fev 2019.
- CAMPIN, R. *The Mérode Tryptic*. Metropolitan Museum of Art, Cloisters Collection, New York City, 1428.
- CAREL, M. *L'entrelacement argumentatif: lexique, discours et blocs sémantiques*. Paris : Honoré Champion, 2011a.
- _____. La polyphonie linguistique. In: *transposition - Musique et Sciences Sociales*, 2011b. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/transposition/365>>. Acesso 01 mai 2019.
- _____. *Présupposition et organisation du sens*. Inédito. Paris, 2016.
- CHARAUDEAU, P. ; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo : Contexto, 2006.
- DUCROT, O. *Logique, Structure, énonciation*. Paris : Les Éditions de minuit, 1989
- _____. *La preuve et le dire: langage et logique*. Paris : Maison Mame, 1973.
- _____. *Les échelles argumentatives*. Paris: Les Éditions de minuit, 1980.
- _____. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- _____. *Logique, Structure, énonciation*. Paris : Les Éditions de minuit, 1989.
- _____. Sémantique Linguistique et Analyse de Textes. In : MICHAUX, Henri. *Littérature*. No 115, Paris : Persee, 1999, p. 104 – 125.
- _____. *Les risques du discours: Rencontres avec Oswald Ducrot*. Paris : Éditions Lambert-Lucas, 2013
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.
- MACHADO, J. C. *O paradoxo a partir da Teoria dos Blocos semânticos: língua, dicionário e história*.

2015. 373f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal de São Carlos – PPGL/UFSCar, São Carlos-SP, 2015.

_____. J. C. A teoria dos Blocos Semânticos em Revisão. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 4, p. 1935-1964, 2017.

_____. J. C. 50 anos da pressuposição na semântica argumentativa: análises do fenômeno pressuposicional de 1968 a 2018. *Cadernos De Estudos Lingüísticos*, 61, 1-21, 2019.

PÊCHEUX. *Semântica e Discurso*, Campinas: Unicamp, 2009.

_____. PÊCHEUX, M.; FICHANT, M. *Sur l'Histoire des Sciences*. Paris : François Maspero, 1969.

POSSENTI, S. Questões para analistas do discurso. São Paulo: Parábola, 2009.

VASVÁRI, Louise O. In "Joseph on the Margin : the Mérode Tryp and Medieval Spectacle." In Martin Stevens & Milla C. Riggio, eds. *Medieval & Early Renaissance Drama: Reconsiderations*. Mediaevalia 18 (1995): 163- 189.

Zupnick, I. 1966. The mystery of the Merode mousetrap, *Burlington Magazine* 108 : 126-133.

COMO CITAR ESSE ARTIGO

MACHADO, Julio Cesar. Análise de discurso e semântica argumentativa: uma leitura argumentativa do interdiscurso. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, p. 72-86, jul. 2019. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/13203>>. Acesso em: _____. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v44i80.13203>.